

A ALFABETIZAÇÃO COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Paulo Freire

Este é o tema sobre o qual me propuseram falar aqui e agora os organizadores deste encontro. É interessante observar a maneira pela qual se combinam ou relacionam os termos da frase, em que a conjunção como, valendo enquanto, na qualidade de, estabelece uma relação operacional entre alfabetização e formação da cidadania. É verdade que o bloco elemento de formação ameniza um pouco a significação da força que, de certa forma, se empresta à alfabetização, no corpo da frase. Seria mais forte ainda se disséssemos: a alfabetização como formadora da cidadania.

Por outro lado, se faz necessário neste exercício, relembrar que cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.

Buscar a inteligência da frase significa de fato, indagar - em torno dos limites da alfabetização como prática capaz de gerar nos alfabetizados a assunção da cidadania ou não. Implica pensar também nos obstáculos com os quais nos defrontamos na prática e sobre os quais ou sobre alguns dos quais espero falar mais adiante.

Considerando que a alfabetização de adultos, por mais importante que seja, é um capítulo da prática educativa, minha indagação se orienta no sentido da compreensão dos limites da prática educativa, que abrange a prática da alfabetização, bem como dos obstáculos acima referidos.

Uma coisa foi trabalhar no Brasil, na fase do regime populista que, por sua própria ambiguidade, ora continha as massas populares - ora as trazia às ruas, às praças, o que terminava por lhes ensinar a vir às ruas por sua conta, outra, foi trabalhar em plena ditadura militar com elas reprimidas, silenciadas e assustadas. Pretender obter no segundo momento o que se obteve no anterior na aplicação de uma certa metodologia revela falta de compreensão histórica, desconhecimento da noção de limite. Uma coisa foi trabalhar no início mesmo da ditadura - militar, outra nos anos setenta. Uma coisa foi fazer educação popular no Chile do governo Allende outra é fazer hoje. Uma coisa foi trabalhar em áreas populares no regime de Somoza na Nicaragua, outra, é trabalhar hoje, com o seu povo se apossando de sua história. O que quero dizer é que uma mesma compreensão da prática educativa, uma mesma metodologia de trabalho não operam necessariamente de forma idêntica em contextos diferentes. A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas mas reinventadas. Em outras palavras, devo descobrir, em função do meu conhecimento tão rigoroso quanto possível da realidade, como aplicar de forma diferente um mesmo princípio válido, do ponto de vista de minha opção política.

A leitura atenta e crítica da maior ou menor intensidade e profundidade com que o conflito de classes vai sendo vivido nos indica as formas de resistência possível das classes populares, em certo momento. Sua maior ou menor mobilização que envolve sempre um certo grau de organização. A luta de classes não se verifica apenas quando as classes trabalhadoras, mobilizando-se, organizando-se, lutam claramente, determinadamente, com suas lideranças, em defesa de seus interesses, mas sobretudo, com vistas à superação do sistema capitalista. A luta de classes existe também latente, às vezes escondida, oculta, expressando-se em diferentes formas de resistência ao poder das classes dominantes. Formas de resistência que venho chamando de "manhas" dos oprimidos, no fundo, "imunizações", que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe,

INSTITUTO PAULO FREIRE

Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22

Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589

05061-100 - São Paulo - SP - Brasil

E-mail: ipf@paulofreire.org

sua religiosidade. Não me parece possível organizar programas de ação político-pedagógica sem levar seriamente em conta as resistências das classes populares. É preciso entender que as formas de resistência envolvem em si mesmas limites que as classes populares se põem com relação à sua sobrevivência em face do poder dos dominantes. Em muitos momentos do conflito de classes as classes populares, mais imersas que emersas na realidade, têm, em sua resistência, uma espécie de muro por detrás de que se escondem. Se o educador não é capaz de entender a dimensão concreta do medo e, discursando numa linguagem já em si difícil, propões ações que ultrapassam demasiado as fronteiras da resistência, obviamente será recusado. Pior ainda, pode intensificar o medo dos grupos populares. isto não significa que o educador não deva ousar. Precisa saber, porém, que a ousadia, ao implicar uma ação que vai mais além do limite aparente, tem seu limite real.

Se falta este à percepção do grupo popular não pode faltar - ao educador.

Em última análise, quanto mais rigorosamente competentes nos consideremos a nós mesmos e a nossos pares, tanto mais devemos reconhecer que, se o papel organizador, interferente, do educador progressista não é jamais o de alojar-se, de armas e bagagens, na cotidianidade popular, não é também o de quem, com desprezo inegável, considera nada ter a fazer com o que lá ocorre. A cotidianidade, Karel Kosik deixou-o muito claro em sua dialética do Concreto, é o espaço-tempo em que a mente não opera epistimologicamente em face dos objetos, dos dados, dos fatos. Se dá conta deles mas não apreende a razão de ser mais profunda dos mesmos. Isto não significa, porém que eu não possa e não deva tomar a cotidianidade e a forma como nela me movo no mundo como objeto-de minha reflexão; que não procure superar o puro dar-me conta das fatos a partir da compreensão crítica que dele vou ganhando.

Às vezes, a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares a elas submetidas uma espécie de cansaço existencial que, por sua vez, está associado ou se alonga no que venho chamando de anestesia histórica, em que se perde a idéia do amanhã como projeto. O amanhã vira hoje repetindo-se, o hoje violento e perverso de sempre. O hoje do ontem, dos bisavós, dos avós, dos pais, dos filhos e dos filhos destes que virão depois.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

Daí a necessidade de uma séria e rigorosa "leitura do mundo", que não prescinde, pelo contrário, exige uma séria e rigorosa leitura de textos. Daí a necessidade de competência científica que não existe por ela e para ela, mas a serviço de algo e de alguém, portanto contra algo e contra alguém. Daí a necessidade da intervenção competente e democrática do educador nas situações dramáticas em que os grupos populares, demitidos da vida, estão como se tivessem perdido o seu endereço no mundo. Explorados a tal ponto que até a identidade lhes foi apropriada. É preciso deixar claro, até mesmo correndo o risco de repetir-me, que a superação de uma tal forma de estar sendo por parte das classes populares se vai dando na praxis histórica e política, no engajamento crítico nos conflitos sociais. O papel, porém, do educador, neste processo, é de imensa importância.

Tenho dito várias vezes mas não é mal repetir agora que não foi a educação burguesa a que criou a burguesia mas a burguesia que, emergindo, conquistou sua hegemonia e, derrocando a aristocracia, sis tematizou ou começou a sistematizar sua educação que, na verdade, vi nha se gerando na luta da burguesia pelo poder. A escola burguesa teria de ter, necessariamente, como tarefa precípua, a de dar sustenta ção ao poder burguês.

Não há como negar que esta é a tarefa que as classes domi nantes de qualquer sociedade burguesa esperam de suas escolas e de seus professores. É verdade. Não pode haver dúvida em torno disto. Mas, o outro lado da questão está em que o papel da escola não termina ou se esgota aí. Este é um pedaço apenas da verdade. Há outra tarefa a ser cumprida na escola, apesar do poder dominante e por causa dele -- a de desopacizar a realidade enevoadada pela ideologia dominante. Obviamente, esta é a tarefa dos professores e professoras progressistas que estão certos de que têm o dever de ensinar competentemente os conteúdos mas também estão certos de que, ao fazê-lo, se obrigam a desvelar o mun do da opressão. Nem conteúdo só, nem desvelamento só, como se fosse possível separá-los, mas o desvelamento do mundo opressor através do ensino dos conteúdos. O cumprimento desta tarefa progressista implica ainda, de um lado a luta incansável pela escola pública, de outro, o esforço para ocupar o seu espaço no sentido de fazê-la melhor. Esta é uma luta que exige claridade política e competência científica. É por isso que, ao perceber a necessidade de sua competência e de sua permanente atualização o educador e a educadora progressistas têm de criar em si mesmos a virtude ou a qualidade da coragem. A coragem de lutar por salários menos imorais e por condições menos desfavoráveis ao cumprimento de sua tarefa.

Consciente dos limites de sua prática, a professora progres sista sabe que a questão que se coloca a ela não é a de esperar que as transformações radicais se realizem para que possa atuar. Sabe, pelo contrário, ter muito o que fazer para ajudar a própria transfor mação radical.

É aí, ao saber que tem muito o que fazer, que não está con denada ao imobilismo fatalista, imobilismo que não é capaz de compre ender a dialeticidade entre infra e supra estrutura, que o proble

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

este nível crítico que, recusando a visão ingênua da educação como alavanca da transformação, recusa, igualmente, o desprezo por ela, como se a educação fosse coisa a ser feita só "depois" da mudança radical da sociedade.

É aí também que deve começar e intensificar sempre um grande e bom combate: o de fazer educação popular na escola pública, não importa o grau. É este o momento também em que o educador progressista percebe que a clareza política é indispensável, necessária, mas não suficiente como também percebe que a competência científica é necessária mas igualmente não suficiente.

Gostaria, agora, de apresentar, numa listagem cuja ordem não significa maior ou menor importância, alguns dos obstáculos com os quais nos defrontamos na prática educativa e a respeito dos quais devemos estar alertados.

A distância demasiado grande entre o discurso do educador e sua prática, sua incoerência, é um destes obstáculos. O educador diz de si mesmo que é um progressista, discursa progressistamente e tem uma prática retrógrada, autoritária, na qual trata os educandos como puros pacientes de sua sabedoria. Na verdade, sua prática autoritária é que é o seu verdadeiro discurso. O outro é a pura sonoridade verbal.

Obstáculo, também, à prática progressista, como já salientei antes, é a posição que as vezes se pensa ser o contrário positivo da autoritária e não é: a licenciatura, em que o educador recusa interferir como organizador necessário, como ensinante, como desafiador.

Não menos prejudicial à prática progressista é a dicotomia - entre a prática e a teoria que ora se vive em posição de caráter basista, em que só a prática em áreas populares é válida, funcionando como uma espécie de passaporte do militante, ora só é válida uma teorização academicista ou intelectualista. Na verdade, o que devemos buscar é a unidade dialética, contraditória, entre teoria e prática, jamais sua dicotomia.

A questão da linguagem, no fundo, uma questão de classe, é igualmente outro ponto em que pode emperrar a prática educativa progressista. Um educador progressista que não seja sensível à linguagem popular, que não busque intimidade com o uso das metáforas, das

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

parábolas no meio popular, não pode comunicar-se com os educando, per de eficiência, é incompetente. Quando me refiro aqui à sintaxe, à es trutura de pensamento popular, à necessidade que tem o educador pro gressista de familiarizar-se com ela, não estou sugerindo que ele re nuncie à sua, como também à sua prosódia para identificar-se com o po pular. seria falsa esta postura, populista e não progressista. Não se trata de que o educador passe a dizer "a gente cheguemos". Trata-se- do respeito e da compreensão a e por uma linguagem diferente. Não se trata tampouco de não ensinar o chamado "padrão culto" mas de, ao en siná-lo, deixar claro que as classes populares, ao aprendê-lo, devem ter nele um instrumento a mais para melhor lutar contra a dominação.

O problema da sintaxe nos remete ao da estrutura do pensa mento, à sua organização. Pensamento, linguagem, concretude, apreensão do concreto, abstração, conhecimento.

Nisto se acha outro ponto de estrangulamento da prática pro gressista. A formação intelectual do educador o le va a pensa r a par tir do abstrato, dicotomizado do concreto. Por isso é que me parece - mais preciso dizer que sua formação o leva a descrever mais o concei- to mesmo do objeto. Na sintaxe ou na organização popular do pensa men to se descreve o objeto e não o seu conceito.

Se se pergunta a um estudante universitário o que é favela, sua tendência é, usando o verbo ser, verbo conotativo, descrever o conceito favela. Se se faz a mesma pergunta a um favelado, sua tendên cia é descrever a situação concreta da favela, usando o verbo ter na negativa. "Na favela nós não tem água, farmácia", etc.

O militante progressista que vai à área popular tende a fa zer um discurso sobre a mais valia em lugar de discutí-la com os tra balhadores, surpreendendo-a na análise do modo de produção capitalis- ta, quer dizer, na análise da própria experiência do trabalhador. É a partir daí que o educador pode mais tarde dar aula sobre a mais valia.

Me disse certa vez um amigo, o jovem educador mexicano Artu ro Orneles que, pretendendo fazer a construção de um círculo, já não me recordo com que objetivo, após haver marcado no terreno quatro pontos cuja ligação daria a redondez, pediu a três camponeses com cer- ta experiência de construção que fizessem a obra. Poucos dias depois o

amigo voltou ao terreno e nada havia sido feito. Os homens diziam que, na verdade, não sabiam como realizar, como construir a redondez. O amigo insistiu em que poderiam fazer e marcou novo encontro para ver como iam as coisas. No dia acertado voltou e encontrou dois círculos de estacas fincadas no solo com a distância de uns cinquenta centímetros entre um e outro. Foi discutindo com os homens sobre a utilidade dos dois círculos de estacas que eles perceberam que, retirando as estacas, poderiam demarcar o terreno com cal e facilmente cavar o chão e fazer o alicerce.

Foi preciso, primeiro, partindo de uma pura vaguidade sobre a redondez, fazê-la concretamente para, depois, apreendê-la em abstrato e, assim, voltar ao concreto. Construí-la.

/// Certa vez, num encontro que tive em São Luiz do Maranhão, com intelectuais que atuavam em áreas rurais e urbanas com trabalhadores populares ouvi dois depoimentos sobre os quais vale a pena pensar. Depoimentos em torno da linguagem e do saber popular. O primeiro fala de uma reunião entre um grupo de camponeses e outro, de educadores profissionais, em que se tentava uma avaliação do trabalho então realizando-se. " Em pouco tempo, diz o informante, os intelectuais começaram a preocupar-se com pormenores técnicos de sua prática e a distanciar-se da realidade concreta. De repente, então, continua o informante, um dos camponeses fala e diz: "Do jeito que as coisas vão não vai dar pra continuar nossa conversa, porque, enquanto vocês aí tá interessado no Sal, nós cá, referindo-se aos camponeses, tá interessado no Tempero e o sal é só uma parte do tempero".

O segundo se referia ao esforço que fizera para ser aceito por uma comunidade eclesial de base na esperança de obter a permissão - de se experimentar a si mesmo nas reuniões com os camponeses, na terceira tentativa foi finalmente aceito. Iniciada a reunião o camponês que liderava pediu que se apresentasse e, em seguida, conta o segundo informante, dirigindo-se a ele disse: "Amigo, se você veio aqui pensando que ia ensinar nós a derrubar o pau, nós tem que dizer a você que nós - não tem precisão. Nós já sabe derrubar o pau. O que nós quer saber é se você vai estar aqui com nós na hora do tombo do pau".

Um dos obstáculos à nossa prática está aí. Vamos às áreas populares com os nossos esquemas "teóricos" montados e não nos preocupamos com o que sabem já as pessoas, os indivíduos que lá estão e como sabem. Não nos interessa saber o que homens e mulheres populares conhecem do mundo, como o conhecem e como nele se reconhecem. Não nos interessa entender sua linguagem em torno do mundo. Não nos interessa saber se já sabem derrubar o pau.

Interessa-nos, pelo contrário, que "conheçam" o que conhecemos e da forma como conhecemos. E quando assim nos comportamos, prática ou teoricamente, somos autoritários, elitistas, reacionários, não importa que digamos de nós mesmos que somos avançados e pensamos dialeticamente.

P A R A - C O N C L U I R :

Que a alfabetização tem que ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que ver com a formação da cidadania, tem. É preciso, porém, sabermos, primeiro, que ela não é a alavanca de uma tal formação -- ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania -- segundo, é necessário que a tomemos e a façamos como um ato político, jamais como um que fazer neutro.

P A U L O - F R E I R E

São Paulo

Brasília

Maio, 1987

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org